



PRO-MISSOES

DIRECTOR
A. D. GOMES

UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

SEC. TESOUREIRO
P. B. RIBEIRO

Telefone 4 2169
Telegramas ADVENTISTA-Lisboa

Jozevia Bonfácio, M. A.
Lisboa-Portugal

Presados e generosos Leitores :

É nosso grato privilégio, uma vez mais, colocar nas vossas mãos um exemplar da nossa Revista Anual em favor das Missões, com o relatório das nossas actividades missionárias, durante o ano passado.

O objectivo desta Revista das Missões é duplo: por meio da sua colocação adquirir fundos para o imprescindível e urgente esforço evangélico missionário e informar os nossos amigos e subscritores sobre a nossa obra mundial. É o pálido eco do trabalho de milhares de obreiros de ambos os sexos que nas terras longínquas de outros continentes consagram, generosa e apaixonadamente, as suas forças à evangelização do mundo, na qualidade de missionários, de professores, de médicos, de enfermeiros e de pregadores da Palavra de Deus.

Fiel à ordem do divino Mestre, procura a Igreja Adventista levar ao conhecimento de todo o mundo a mensagem de salvação, para que a pobre humanidade, despertando do letargo em que jaz mergulhada, se apresse a preparar-se para a segunda e gloriosa vinda do Salvador.

O produto da venda desta revista destina-se a dar incremento à obra das Missões; chamar almas para Deus e para a civilização.

Que Deus cumle das Suas melhores bênçãos a todos os que se dignaram auxiliar a magnífica e salutar obra das Missões, eis o melhor agradecimento que lhes podemos manifestar.

Ano de 1950

União Portuguesa dos
Adventistas do Sétimo dia

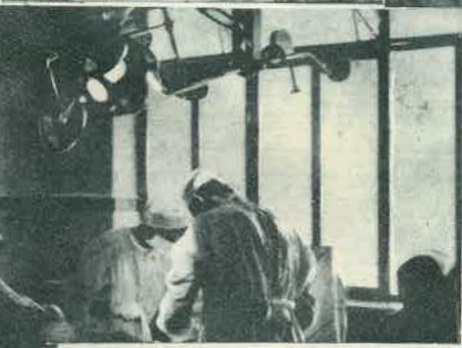
Tesoureiro

A NOSSA CAPA: CRISTO—O NOSSO REFUGIO

«E na terra angústia das nações, em perplexidade... Homens desmaiando de terror, na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo. Porquanto as virtudes do ceu serão abaladas. E então verão vir o Filho do homem numa nuvem, com poder e grande glória». — S. Lucas 21:25-27.



Factos interessantes do Movimento Adven- ta em todo o mundo



Membros em todo o mundo
no princípio de 1949, eram mais
cima de 670.000. Nos Estados Unidos
e Canadá, 285.460. — A Igreja Adventista
está estabelecida em 228 dos 282 países
e arquipélagos mencionados na lista de
«The World Almanac». — Além de igrejas,
denominação mantém escolas, hospitais, salas de trata-
mentos, casas publicadoras e fábricas de alimentos higiê-
nicos. Presentemente conta 551 dessas instituições. — O tra-
balho de evangelização é mantido, em grande parte, pelas
contribuições dos membros, as quais, no ano passado,
atingiram a soma de cerca de 3.800\$00 em média por mem-
bro. — A obra filantrópica é levada a efeito em todo
o mundo pelas Sociedades de Dorcas Adventistas.
Praticamente, nos anos do após-guerra, essas
sociedades, dos Estados Unidos e de
muitas outras nações, expediram car-
regamentos de roupas e alimentos
num total de 1.400.000 quilos
para mais de 40 países.

gano, Dr. Joy Parsons,
no ano de 1947, ope-
rou 1.200 pessoas,
vindas de todos os
pontos da Colónias.
(Almanaque Bertrand,
1950, página 247)



*Edifício das consultas a
Europeus — Dispensário*



*Pachanta principal do Hos-
pital adventista do Bongo,
vendo-se ao lado esquerdo
as janelas da sala de
operação*



ANGOLA, a nossa mais rica colónia, é aproximadamente quinze vezes maior que a metrópole, contando uma população nativa de cerca de quatro milhões. Após a descoberta da Colónia em 1482 por Diogo Cão, o governo português, teve como primeiro cuidado, enviar missionários que civilisassem e cristianisassem o indígena.

Em 1573, Paulo Dias de Novais desembarcou com propostas para o rei de Angola, cujos domínios abrangiam a região do Congo e margens do Zaire, e delas resultou que, no ano seguinte, desembarcavam nas praias de Luanda 700 colonos, entre os quais vinham catequistas cristãos, primeira leva que iria lançar a primeira semente de cristianismo no coração do preto.

A primeira inspiração cristã dos colonos, de ordem prática, foi a sua primeira construção — um templo. Desde então muito se tem empenhado o governo português em fazer prosperar este vasto território do continente negro, sendo um dos primeiros países civilizados que aboliram a escravatura.

Apesar de tudo, resta ainda um trabalho a realizar. O nativo, apesar da acção civilizadora do branco, continua vivendo à maneira primitiva, construindo a sua casa com troncos de árvores unidos a prumo. O telhado é de capim e o reboque é barro cozido e endurecido pela acção do sol. A maior comodidade dentro de sua casa é a lareira onde se assentam ao lume, quer no chão quer num banco grosseiro, a fazer alguma bugiganga ou à espera que se coza a «ochitina», a que nós damos o nome de batata doce. A cama é uma esteira feita de bocadinhos de madeira ou bambú e o cobertor em muitos casos são os raios de calor saídos do lume que acendem para os aquecer durante a noite, que em certas regiões é bastante fria, principalmente no chamado tempo do «cacimbo».



Uma aula com os catequistas durante uma Campanha Evangélica.

Os usos e costumes dos nativos diferem de tribu para tribu, oferecendo-nos os mais variados e desconcertantes aspectos. Creio, porém, que a existência de «chimbandas», médicos nativos, por quem têm a maior consideração, é comum a todos. Pelos relatos que me têm feito, deduzo que o «chimbanda» conhece muito bem certas ervas medicinais que aplica aos doentes e os nativos correm atrás dele, como alta personalidade. O tal «doutor» conhece sempre o remédio para toda a classe de doenças. Logo que o chamem, não se faz esperar. Chega, examina, mira, apalpa e começa o aparatoso tratamento; fricciona a barriga e os flancos e finge que tira das carnes uma substância que coloca no chão à vista dos circunstantes e diz que era o mal. Quanto às informações colhidas, a substância maléfica em questão é cera que o «espertalhão» leva oculta entre os dedos. O tratamento, porém, tem de continuar. Depois disto o «Sr. doutor» vai buscar lenha, barro a um formigueiro e folhas. Abre um buraco na terra e deita tudo para dentro. Para que a cura seja eficaz é preciso uma galinha ou um cabrito que não se fazem esperar. O «médico» degola-os e lança o sangue no barro do formigueiro, acende o lume e põe em cima o enfermo embrulhado numa manta, passando-lhe o animal morto por cima da cabeça. Está benzido. Quando o doente está a suar, tira-o e principia a suggestioná-lo: «já não estás doente; o mal foi-se embora». Para concluir, põe montinhos de milho no chão, tira as tripas do animal sacrificado e divide-as pelos montinhos; em seguida lança-os em diferentes direcções, dizendo: «come», cuja interpretação é: o mal era um espírito que comia o doente e deve agora comer o manjar que lhe foi preparado. Ninguém a não ser o «chimbanda» pode comer a galinha ou o cabrito morto para a mézinha, pois em caso contrário, voltará o espírito; por isso leva-os para sua casa onde se dá ao incómodo de os comer. Se o doente não melhora claro está que o «chimbanda» não mais apure-se. Se, porém, ficar bom, voltará a reclamar a paga que consiste em milho, galinhas, pano para se cobrir e algumas vezes um boi. Além desta paga, o «espertalhão doutor» ganhou mais fama.

Com o fim de ocorrer às mais imediatas necessidades deste povo ignorante e com os donativos recebidos no passado, os Adventistas do Sétimo Dia, dispõem duma razoável rede missionária na vasta colónia de Angola, tendo a sua sede em Nova Lisboa, com os respectivos escritórios, habitações, uma igreja e um dispensário. A cerca de 60 quilómetros desta cidade e a 18 do caminho ferro



Missionários que colaboram num congresso no Bongo



Uma das pensões na povoação do Bongo, devendo a sua existência ao Hospital da Missão Adventista

está situada a bela e bem conhecida Missão do Bongo. É a nossa maior missão, dispondo de um belo Hospital, à testa do qual está o popular Dr. Roy B. Parsons, que não tem mãos a medir no seu árduo trabalho de curar, bem coadjuvado pelo pessoal de enfermagem. A leprosaria que alberga alguns doentes, assiduamente visitados pelo enfermeiro José de Sá e também assistidas pelo Director do Hospital. O instituto, que serve de escola de treino para catequistas e que, além dos cursos rural e primário, ministra também um curso de preparação normal-rural e teológico. Possuímos ainda a Missão da Luz, no distrito da Lunda e a 160 quilómetros de Vila Lusó, trabalhando entre quicôcs, tribu outorora célebre na arte guerreira e também pelas suas práticas poligâmicas e diabólicas, mas que tornados cristãos, ficam sendo elementos bastante úteis. Também a 160 quilómetros de Vila Lusó, mas para sudeste, está situada a Missão do Lucusse, entre os luanas, conhecidos pela sua intuição da pesca e da caça. Mais ao norte da colónia e a 90 quilómetros de Duque de Bragança, fica a Missão do Cuale, entre os gingas, também bem conhecidos na nossa história. Além destas estações missionárias, temos uma vasta rede de escolas rurais espalhadas pelo mato, onde centenas de nativos aprendem os rudimentos da língua portuguesa. É com prazer que afirmo que os nossos alunos aprendem a respeitar a Pátria e a honrar a soberania portuguesa no sertão africano, tornando-se bons cidadãos e cristãos, úteis a Deus e à sociedade. Que fazem, pois, as Adventistas em Angola? Busquemos a resposta na vida de Jesus e meditemos nas palavras de Mat. 4:23: «E percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas suas sinagogas e pregando o Evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo».

Como discípulos de Jesus, procuramos, portanto, realizar a Sua obra: — «ENSINANDO», através da nossa rede de escolas rurais, nas missões e Instituto do Bongo; «PREGANDO», através da nossa obra evangelística e «CURANDO», através dos nossos dispensários e Hospital do Bongo.

QUE QUEREIS FAZER PARA AJUDAR TÃO IMPORTANTE OBRA!

ARMANDO JOSÉ CASACA

Director do Instituto Adventista do Bongo



Missionários e catequistas em plena campanha no mato



Grupo de Europeus no Congresso do Bongo

EVANGELISANDO UM MUNDO NECESSITADO

8 Anos do pós-guerra trouxeram aos Adventistas do Sétimo Dia problemas sem precedentes e oportunidades sem número. Ao operar em 228 países e arquipélagos, a guerra ocasionou-nos pesadas perdas.

Instituição após instituição — médicas, educacionais e editoras — assim como estações missionárias e igrejas, foram reduzidas a ruínas. As nossas escolas de preparação na China, em Birmania foram completamente demolidas. As nossas casas publicadoras no Japão e na China foram muitíssimo danificadas. O nosso grande sanatório que havia sido recentemente terminado perto de Manila foi dinamitado, tornando-se inútil. Hospitais e clínicas no Japão, Coreia, China, Maláia e Birmania foram forçados a encerrar, apesar das necessidades cada vez maiores. Na fúria da guerra missões, escolas, hospitais e clínicas nas paragens longínquas das ilhas do Pacífico foram saqueadas e queimadas pelo invasor. Lanchas de missões interinsulares foram afundadas. Centenas de igrejas na Inglaterra, Noruega, Finlândia, Polónia, Checoslováquia, Alemanha e noutros países foram totalmente demolidas. No Oriente e na Europa milhares perderam a vida, outros ficaram sem casa, destituídos de roupas e de alimento.

Estas condições exigiram um tremendo programa de socorro e de reconstrução. Vastas somas têm sido despendidas neste trabalho de socorro: toneladas de roupas e de alimentos foram reunidas e distribuídas por intermédio das igrejas. As bênçãos assim realizadas não podem ser medidas por termos de socorro físico. O efeito da simpatia, boa-vontade e irmandade assim manifestado é incalculável.

A reconstrução de igual modo tem sido levada a efeito. A frota das lanchas das missões tem sido restaurada; casas publicadoras e escolas de preparação reedificadas; obreiros consagrados das instituições e dos campos missionários têm regressado para retomar o trabalho.

Mas os problemas do socorro e da reconstrução, embora grandes, são agravados pelas oportunidades que de igual modo são o resultado da guerra. Ve-se um despertar — um espírito de investigação, uma procura sem paralela por luz e verdade.



A Igreja e os jovens no Funchal-Madeira

O Japão, há muito escravizado por uma direcção totalitária religiosa e militar, agora acolhe a doutrina cristã. Chegam insistentes pedidos por milhões de Bíblias.

A África também está a despertar. Até muito recentemente, noventa por cento dos seus habitantes eram analfabetos. Com a expansão das minas e outras actividades industriais da região e mais largos horizontes dos soldados indígenas, pelo seu serviço na guerra, viagens e outros contactos, veio um pedido insaciável de instrução. Movimentos em massa para a educação de adultos revelam a sede de conhecimentos. As mais pequenas aldeias pedem escolas. Á medida que a educação vai quebrando as superstições e as restrições das tribus, se torna importante a direcção espiritual. A necessidade do missionário cristão, professor ou médico, nunca foi tão urgente.

A Índia e o Pakistão — com mais de 400 milhões de hab. — emergiram do estado colonial a impérios independentes. Ali também é poderoso o despertar. Programas para a educação do adulto estão sendo promovidos, mas deviam ser acompanhados com a luz do Evangelho de Cristo. Com aproximadamente 90 por cento do seu povo analfabeto e a extrema pobreza prevalecente, quão grande é a necessidade do missionário cristão. Por toda a Índia e Pakistão mãos estendidas dão as boas vindas ao missionário e suplicam escolas e hospitais cristãos.

A China, onde vive um quinto da população de toda a terra, já se encontra nas ancias dum conflito sangrento de ideologias. Não podemos deixar de pensar se ela não poderia ter sido poupada à presente luta, caso o testemunho do missionário cristão tivesse sido mais firme e eficiente.

Outras áreas populosas da Ásia do Sul, Indonésia, e as ilhas do Pacífico oferecem grandes oportunidades ao serviço cristão. Milhões nos planaltos da Nova Guiné, recentemente descobertos, precisam urgentemente que se lhes enviem missionários, professores e médicos, não às dezenas mas às centenas.

A Alemanha, também, que confiara no poder militar, está desiludida. Vacilantes entre as ruínas das suas formosas cidades de outrora, a sua nação dividida, as suas indústrias destruídas, o seu comércio internacional perdido, as suas casas reduzidas a pó, andrajosos e mal alimentados — muitos saem à procura da esperança e da segurança que se encontram unicamente em Deus. Este é o dia da oportunidade espiritual da Europa.

A maior resposta a estas oportunidades sem número é o testemunho pessoal por Cristo, missionários vivos — ministros, professores, médicos e enfermeiras. Para os enviar e mantê-los custa muito dinheiro. Nos anos do após-guerra 1946-1948, o nosso comité das missões, das suas bases — América, Inglaterra, Escandinávia, Austrália e outros países — enviaram 996 missionários. Foram para quase todas as regiões mais povoadas do mundo, levando saúde, esperança e luz aos que estão em trevas e desespero. Para manter estes e outros que os precederam e o trabalho que estão levando a efeito, a igreja em todo o mundo contribuiu com cerca de 300 mil contos em 1948 ajudada com o auxílio de pessoas amigas.

As presentes condições e oportunidades demandam a manutenção e extensão deste bom trabalho. A quem muito foi dado muito lhe será pedido. Façamos a nossa parte no socorro a prestar aos que estão em necessidade neste dia de oportunidades sem medida.



A missão Adventista em S. Filipe, Ilha do Fogo



MISSÃO NA ILHA DE S. TOMÉ

GRAÇAS à generosidade dos nossos benfeitores, tem sido possível manter e desenvolver o nosso trabalho em São Tomé.

Apesar de todos os progressos deste povo, muito há ainda a fazer em seu favor. E assim fieis à tarefa que nos propozemos continuamos a trabalhar activamente em favor destas almas. Os vícios e certos costumes pagãos prejudicam bastante a vida deste povo. Ainda hoje os feiticeiros, trabalhando ao serviço de Satanás, fazem acreditar que, quando uma criança chora, é necessário espancá-la sem dó para que os espíritos maus as deixem.

A felicidade dum povo depende, em grande parte, da boa organização das famílias que o constituem. Mas, como as famílias aqui não estão organizadas segundo os princípios cristãos, cada homem pode escolher para si uma companheira com quem viverá apenas alguns meses ou escassos anos para depois escolher outra com idêntico procedimento, e assim este povo não pode ser feliz. As crianças, consequentemente, sofrem, porque têm que viver separadas de um dos entes que lhes deram o ser, sendo por vezes maltratadas por estranhos que não as estimam.

A nossa Missão realiza a sua acção civilizadora ao lutar para que as famílias se organizem segundo as regras sagradas estabelecidas por Deus. Deste modo temos assistido à união matrimonial de pessoas de todas as idades. Algumas dezenas de lares já constituídos dentro da moral cristã, onde as crianças podem ser criadas por seus pais e ensinadas a obedecer a Deus e a amar os seus semelhantes, dão testemunho da nossa acção civilizadora.

A nossa escola primária na cidade, actualmente frequentada por 185 alunos, de igual modo, exerce a sua influência educativa e religiosa, gra-



vando na mente e no coração destes jovens os nobres ideais do Evangelho e preparando-as para uma vida mais elevada e mais sã. Estamos certos que o poder do Evangelho fará deles bons portugueses e bons cristãos.

Aqueles que alguns anos deixaram S. Tomé, difficilmente reconheceriam a cidade se hoje aqui voltassem. Onde outrora existiram pântanos insalubres, erguem-se hoje vistosos edificios de sólida construção, ou estendem-se belas avenidas com placas ajardinadas. A um lado ergue-se o esplêndido edificio da Crèche-Lactário, obra social de vastíssimo alcance, munida da mais moderna aparelhagem, que tanto contribuirá para a restauração desta raça depauperada pelas doenças tropicais. Mais adiante um lindo Parque Infantil com a sua piscina e campo de patinagem, além de diversos divertimentos que são o encanto das crianças. Ainda em construção, e destinada a socorrer tantas almas soffedoras, o edificio para o Dispensário Anti-Tuberculoso. Um pouco mais adiante o Campo da Aviação, donde semanalmente levanta vôo rumo ao Príncipe um avião da Colónia. Pelo mesmo campo fazem escala os aviões da carreira imperial pondo esta Colónia em contacto com a Metrópole e com as vizinhas Colónias de Angola e Moçambique.

Toda esta obra, porém, seria incompleta se não se procurasse erguer o nível da vida deste povo. Dizia alguém: «É errado pensar que nada haja a melhorar nas populações nativas. Carecem ainda de varrer do seu espirito as grosseiras e malignas superstições que lhes enegrecem a vida. Poderão ser mais felizes, mais fortes e mais produtivas, se orientarem as suas vidas de harmonia com as radiosas esperanças cristãs do Reino de Deus».

Não quereis vós prezados leitores, ajudar-nos nesta tarefa? Necessitamos do vosso auxilio material e do vosso apoio moral para podermos continuar a trabalhar por um Portugal maior, aqui nesta parcela do nosso vasto Império.

Para aqueles que no passado contribuíram generosamente vão os nossos agradecimentos sinceros e podeis estar certos de que Deus vos recompensará, porque Jesus disse que até mesmo um copo de água dado a um sedento não perderia o seu galardão.

Eliseu Miranda

Director da Missão de S. Tomé



O NOVO MUNDO VINDOURO



«E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas» (Apos. 21:4).

NOS nossos dias ouvimos falar muito do novo mundo vindouro, o novo mundo que os homens se propunham criar após a devastação da guerra. Até que ponto eles poderiam realizá-lo não podemos saber: mas uma coisa é certa: O ensino doutros tempos de que há uma terra real de «verdadeira felicidade» a esperar, é uma das mais firmes convicções da alma, jamais gravadas na mente humana. Embora tenha havido noções pueris a seu respeito, que há contudo de verdade? A esperança do céu, o futuro maravilhoso, uma terra onde não haverá «pranto, nem clamor nem dor» onde não existirá a morte, e onde os bons e os santificados de todos os séculos se encontrarão outra vez — essa bendita esperança significa mais do que as palavras podem expressar para aquele que a possui. Ora a Escritura Sagrada ensina justamente que um tal mundo há-de vir.

Há muitos anos, um explorador suíço, na Arábia, a caminho da Meca, foi atraído por uma cordilheira de montanhas de rochas coloridas; seguiu-a durante muitas milhas. Ao entrar por uma garganta apertada encontrou-se em frente dum encantador cenário, uma cidade talhada na rocha viva. Era Petra (Sela) «a cidade de vermelho claro, quase tão velha como o tempo», uma cidade que já era antiga quando Moisés conduzia Israel para fora do Egito, a qual, quando Jesus estava na terra, ainda era centro comercial florescente. Há cerca de 1.500 anos que Petra desapareceu da história. Ninguém sabe porquê, mas ela tornou-se exactamente «a cidade que o mundo esqueceu».

Há também uma outra cidade que o mundo esqueceu, uma cidade mais bela e mais misteriosamente maravilhosa do que Petra. É essa «a cidade que tem fundamentos da qual o arífice e construtor é Deus» (Hebreus 11: 10). Esta cidade dos remidos, agora no céu, conforme a visão do apóstolo S. João, vai ser finalmente a gloriosa capital do novo mundo vindouro. Lemos em Apocalipse capítulo 21, vers. 2: «E eu, João, vi a santa cidade, a Nova Jerusalém, que de Deus descia do céu adeçada como uma esposa ataviada para o seu marido». Ela descerá um dia para os homens — real e actual — a cidade do sonho secular, a cidade celeste das esperanças humanas, a cidade maravilhosa que será finalmente estabelecida sobre a terra.

Qual é então o plano de Deus para esta terra? «Porque assim diz o Senhor... que formou a terra... não a criou vazia, mas a formou para que fosse habitada». (Isaías 45: 18). Deus criou esta terra para que fosse habitada. Ela, pois, não vai girar através milhões de anos como um globo morto. Ela será habitada porque o plano de Deus há-de ser finalmente realizado.

O domínio da terra, dado ao nosso pai Adão, foi reclamado pelo grande adversário. Na ocasião da tentação de Cristo (Lucas 4: 5,6), o maligno pretendeu ter direito a ele. Mas este primeiro domínio, perdido para o homem pelo pecado e pela morte, será restaurado por Cristo. «E a Ti, ó torre do rebanho... a Ti virá o primeiro domínio» (Miqueias 4: 8). A torre do rebanho é sem dúvida Cristo (ver João 10: 9). Na cruz Ele redimiu o domínio perdido e pagou a pena da desobediência do homem: para que nela «pela graça de Deus, provasse a morte por todos» (Hebreus 2: 9).

Jesus disse: «Bem-aventurados os mansos, porque eles habitarão a terra» (Mateus 5: 5). Os mansos não possuem presentemente a terra mas sim os ímpios. David declara: «Pois eu tinha inveja dos soberbos, ao ver a prosperidade dos ímpios... Os olhos deles estão inchados de gordura» (Salmos 73: 3,7). Um dia, porém, a situação será diferente. Uma grande mudança se operará quando os remidos herdarem a terra, como lemos: «Espera no Senhor, guarda o Seu caminho, e te exaltará para herdáres a terra» (Salmos 37: 34).

Tomemos por exemplo, a promessa feita a Abraão. Segundo o livro do Gênesis (13:14,15), foi dito pelo Senhor a Abraão que olhasse para a banda do norte, do sul, do oriente e do ocidente, e, então, foi-lhe feita a promessa: «Porque toda esta terra que vês, te hei-de dar ati, e à tua semente, para sempre». Notemos que era para ele e para a sua semente. Mas quanta terra compreendia a promessa? Deixemos o apóstolo S. Paulo dizer-nos em Romanos (4:13) que Abraão seria «o herdeiro do mundo». Porventura não é ela uma grande promessa? E se nesta promessa está incluída a sua posteridade não deve ela interessar-nos?

Que porção do mundo obteve Abraão na sua vida? Em actos (7:5) lemos que ele não recebeu nada. Nem tão pouco ele esperava receber, segundo Hebreus 11:8-10: «Porque esperava a cidade que tem fundamente, da qual o artifice e construtor é Deus». Nisto está o segredo: Abraão esperava uma cidade do céu. Ele sabia que a promessa de toda a terra feita à sua posteridade se há-de cumprir num mundo vindouro.

Mas reparai — a promessa do novo mundo vindouro e da cidade edificada por Deus foi feita a Abraão e à sua posteridade. Ora quem é esta posteridade? Em Galatas 3:16 encontramos a resposta: «As promessas foram feitas a Abraão e à sua posteridade. Não diz: E às posteridades, como falando de muitas, mas como de uma só: E à sua posteridade, que é Cristo».

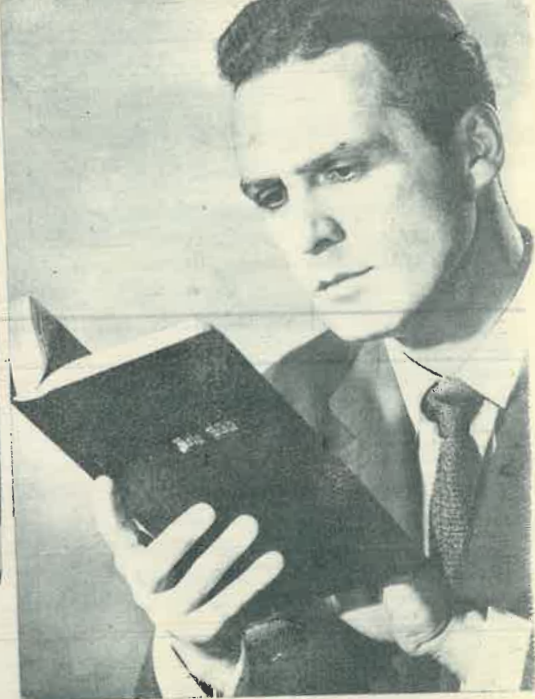
Como tudo isto é maravilhoso! Cristo remiria o primeiro domínio, que se perdera por causa do pecado, e entregá-lo-ia — a quem? Justamente aos descendentes de Abraão e herdeiros conforme a promessa». (Galatas 3:29). Prezado leitor, se sois de Cristo, sois um herdeiro do futuro mundo renovado. Podemos-nos encontrar entre os pobres e humildes deste mundo, contudo se somos de Cristo, somos herdeiros régios do novo mundo que há-de vir. E toda a nossa herança em glória virá de Ele e mediante a fé n'Ele. O plano de Deus na criação do mundo de que seria habitado há-de cumprir-se. Cumpre-se em Cristo a promessa da herança do mundo pois o Seu reino é mundial. «Dominará de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da terra» (Plasmos 72:8).

Caro leitor, ao seguires a escabresa e velha estrada da vida já procuraste a cidadania do vindouro reino de Cristo, o futuro novo mundo? Como deves saber, antes de podermos ali habitar te nos de nos naturalizar enquanto estivermos na terra — isto é, devemos obter uma nova natureza, devemos nascer de novo «pela Palavra de Deus viva, e que permanece para sempre» (1 Pedro 1:23). Por esta regeneração nos tornamos filhos de Deus «e, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também: herdeiros de Deus e coherdeiros de Cristo» (Romanos 8:17). Entrega-lhe hoje o teu coração, obedece cá na terra ao apelo do Evangelho e toma parte com Ele ao novo mundo. Encontrar-nos-emos lá? É essa a grande pergunta.

Vê essas pessoas vestidas de branco seguindo para a pátria, para essa cidade que não foi edificada por mãos humanas, nem enancecida pelos anos dos séculos.

Quem são elas? «Estes são os que vieram da grande tribulação e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro» (Apocalipse 7:14). Sim, eles chegam à pátria. E à medida que sobem pelo grande declive do tempo para os portais revestidos de pérolas quem os precedem? Nós vemmo-lo agora — é o humilde carpinteiro de Nazaré que saiu da pobreza, da rejeição, da dor, da cruz, da morte e do sepulcro. É aquele que sentiu todas as nossas enfermidades — é o nosso Salvador. O amor triunfou do ódio, do temor, do pecado e da morte.

Estarás lá caro leitor? Estarás, se pertenceres a Cristo.



ENTENDES

TU

O QUE LES?»



GRÁTIS. Um Curso para Te Ajudar

Oferecemos-te um Curso de Teologia Popular, em 30 lições, para o estudo das profecias e doutrinas bíblicas. Centenas de milhar em todo o mundo estão a estudar o melhor livro da humanidade por este curso fácil e sistemático da Bíblia. Basta enviáres o nome e endereço à

ESCOLA RÁDIO POSTAL

Praça do Ilhéu do Faial, 1-B-Tel. 41 268-LISBOA, N.



SUPLEMENTO DA REVISTA ADVENTISTA

Órgão da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia

Redacção e Administração - Rua Joaquim Ponifácio, 17-Direttor: A. Tins Gomes

Composição e Impressão em heliogravura - Studios Serra Ribeiro - LISBOA - ex. 25.000 Preço 500

